

Morre de S. Francisco Xavier na ilha de Sanchoão.  
Óleo sobre tela de André Reinoso (século XVII). Sacristia da Igreja de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Fotografia de Júlio Marques.





## Manuel Teixeira, a Historiografia sobre S. Francisco Xavier e o Tema da Chegada do seu Corpo a Goa

JOSÉ MANUEL GARCIA\*

No dia 16 de Março de 1554, o corpo de S. Francisco Xavier era recebido em Goa com impressionantes e massivas expressões de devoção, poucos dias depois de ter sido recolhido no mar, a sul da cidade, da nau que o trouxera de Malaca por uma missão de jesuítas acompanhados por um leigo. A pequena viagem que esse grupo então fez está marcada por uma grande emoção e foi evocada pormenorizadamente 25 anos depois por um dos seus membros em palavras que, de seguida, apresentamos, constituindo o mote para uma abordagem da antiga

historiografia portuguesa consagrada à “santa memória” de Francisco Xavier.

“Pois como o padre Belchior Nunes soubesse que vinha naquela embarcação o santo corpo, e visse que ia tardando, e que o tempo de navegar se ia acabando, e que se chegava o tempo da semana santa, em que o corpo não podia ser recebido como convinha, foi-se ao senhor vice-rei, que então era Dom Afonso de Noronha, e, dando-lhe estas razões, pediu-lhe uma embarcação ligeira para ir buscá-lo. Alegrou-se sua senhoria muito com a vinda do santo corpo, por o conhecimento e devoção que em sua vida havia tido a este bendito padre; e parecendo-lhe bem as razões do padre reitor mandou-lhe dar a embarcação que pedia, avisando-o que, quando estivesse perto da cidade o fizesse saber, porque o queria receber como era razão.

Embarcou-se o padre e levou consigo a outros três irmãos da Companhia e quatro ou cinco

---

\* Doutorado pela Universidade do Porto, licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tem-se dedicado ao período dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa. Actualmente, é investigador no Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo.

*Doctorate from the University of Oporto, graduate in History from Lisbon University's Faculty of Arts, his research focuses on Portugal in the Age of Discovery. He is currently a researcher at the National Archives Institute/Torre do Tombo.*

## DE XAVIER A VALIGNANO. A CONQUISTA ESPIRITUAL DA ÁSIA

meninos<sup>1</sup> dos órfãos que cantavam muito bem, para festejar o corpo quando a ele chegassem.

Navegámos três ou quatro dias em busca da nau, ao cabo dos quais a achámos sem mastro junto de Vatacala; e entrados nela fomos logo onde estava o santo corpo; o qual achámos numa câmara particular, que para isto havia dado o capitão, com uma arca coberta de seda, e com muitos odores e perfumes, como acima se referiu na carta do China.<sup>2</sup>

Beijámos todos a arca, e abraçámo-nos a ela com muitas lágrimas, sentimento e devoção, pela muita que todos lhe havíamos tido. Enquanto que ali estávamos com o corpo, debaixo da coberta da nau, o capitão e os passageiros encima começaram a adereçar a nau, e adorná-la com suas bandeiras e galhardetes, e prepararam a artilharia, para que estivesse a ponto de disparar quando tirassem o santo corpo, porque o padre reitor o havia de levar naquela embarcação ligeira. Mandou também o capitão cobrir a tolda de panos de seda, e tapar todo o chão onde a arca havia de estar.

A este tempo trazíamos já a arca de baixo, e, posta no seu lugar aparelhado, começaram os meninos que trazíamos a cantar hinos e salmos ao Senhor, com suas grinaldas na cabeça e ramos de palma nas mãos, e começámos a levar a arca para pô-la na embarcação que para isso trazíamos.

A este tempo começou a nau a disparar toda a sua artilharia com grande festa e regozijo de todos os que ali estávamos, vendo que ainda no meio do mar se lhe fazia tão grande festa ao corpo santo, e que já ali queria Nosso Senhor honrar a seu servo. Tomado o corpo viemos a dormir a noite seguinte à igreja de Nossa Senhora da Apresentação, à vista da cidade de Goa.

Nesta igreja descobriu o padre reitor o corpo para que o víssemos os que com ele vínhamos.<sup>3</sup> Trazia sua estatura e semblante como em vida o havíamos conhecido; vinha vestido com seu ornamento de sacerdote, e todo tão são e tão fresco, como se àquela hora fôra sepultado; debaixo de todas as vestiduras, junto à carne, trazia vestido uma sobrepeliz muito rica, que ele tinha levado de Goa para falar ao rei da China vestido com ela; a qual vinha tão fresca, havendo mais de um ano que estava debaixo de terra, que

a levou depois o mesmo padre reitor Belchior Nunes quando foi ao Japão, para visitar com ela aos reis daquela terra; trazia o rosto coberto com um amito,<sup>4</sup> porque trazia o nariz um pouco magoado, de quando em Malaca o enterraram, e os braços postos em cruz sobre o peito, e os pés e mãos descobertos, os quais vinham com sua carne e pele, ainda que algum pouco denegrido da cal que ao principio lhe deitaram. Enquanto que isto se fazia enviou o padre reitor a dois de nós com um recado ao senhor vice-rei como o corpo era vindo, e que visse sua senhoria, o que mandava que se fizesse; o qual, ainda que era cerca de meia noite quando chegámos e estava dormindo, contudo recebeu-nos com muita alegria e respondeu que ele estava muito encarregado do que tocava ao recebimento.

Feito isto fomos ao colégio, no qual, sabendo os irmãos que o corpo era chegado e a maneira com que vinha, foi tão grande o regozijo que receberam, que não houve homem que dormisse aquela noite, mas todos a gastaram em aperceber o necessário para receber o santo corpo.

A igreja, que estava de negro por ser Quaresma, a adornaram toda de festa, descobrindo os retábulos, e aparelhando tudo o mais com tanta presteza e alegria, que até nisto parecia que queria Nosso Senhor honrar ao seu servo, como no dia seguinte se viu.<sup>5</sup>

O autor desta arrebatadora narrativa edificante marcada pela exaltação religiosa procurando memorizar a chegada do “corpo santo” a Goa é o jesuíta Manuel Teixeira, um dos três irmãos a que se alude no texto como tendo acompanhado o padre mestre Belchior Nunes Barreto e os quatro órfãos que participaram neste acto de grande significado. Manuel Teixeira foi o primeiro biógrafo do padre Francisco Xavier, mas é praticamente ignorado na actualidade, sendo apenas conhecido por um número reduzido de especialistas. Impõe-se, por isso, divulgar e estudar a sua obra no contexto da historiografia xavieriana, esforços que organizam um dos principais motivos que nos levaram a elaborar este trabalho como contributo para as comemorações dos 500 anos do nascimento do Apóstolo das Índias. Antes ainda de tecermos algumas considerações sobre a vida e obra de Manuel Teixeira é oportuno determo-nos na história dessa autêntica romagem visando o transporte das “reliquias” de

THE SPIRITUAL CONQUEST OF THE FAR EAST. FROM XAVIER TO VALIGNANO

PEREGRINACAM  
DE FERNAM MENDEZ  
PINTO.

EM QUE DA CONTA DE MVYTAS E MVY-  
to estranhas cousas que vio & ouuiu no reyno da China, no da Tar-  
taria, no do Sornau, que vulgarmente se chama Sião, no do Calami-  
nhan, no de Pegu, no de Martauão, & em outros muytos reynos  
& senhorios das partes Orientais, de que nestas noſſas  
*M.º Cruz*  
*de Coimbra* do Occidente ha muyto pouca ou  
nenhũa noticia.

ETAMBEM DA CONTA DE MVTTOS CASOS PARTI-  
culares que acontecerão aſsi a elle como a outras muytas peſſoas. E no fim della trata bre-  
vemente de algũas cousas, & da morte do ſanto Padre meſtre Francisco Xavier,  
unica luz & resplandor daquellas partes do Oriente, & Reytor  
nellas uniuersal da Companhia de Ieſus.

Eſcrita pelo meſmo Fernão. Mendez Pinto.

Dirigido à Catholica Real Mageſtade del Rey dom Felype o III.  
deſte nome noſſo Senhor.



Com licença do ſanto Officio, Ordinario, & Paço.

EM LISBOA. Por Pedro Crasbeeck. Anno 1614.

A custa de Belchior de Faria Caualeyro da casa del Rey noſſo  
Senhor, & seu Liureyro. Com privilegio Real.

Eſta ſaixado eſte livro a 600 reis em papel.

## DE XAVIER A VALIGNANO. A CONQUISTA ESPIRITUAL DA ÁSIA

S. Francisco Xavier presenciada pelo nosso autor, para que, a partir do estudo deste caso, possamos exemplificar e reflectir sobre alguns dos trabalhos de autores portugueses dos séculos XVI e XVII que escreveram sobre a história do jesuíta navarro.

No texto que acima apresentámos, Manuel Teixeira revela-se um narrador escrupuloso de um episódio que o marcou profundamente, mas ainda assim há a observar que, ao recordá-lo 25 anos depois de ter ocorrido, terá decidido omitir o nome de um dos seus companheiros de viagem que já então era famoso no Oriente e haveria de ser recordado para a posteridade: Fernão Mendes Pinto. Ao contrário do que aconteceu com Manuel Teixeira, o seu confrade Aires Brandão não se esqueceu de referenciar devidamente essa participação de Fernão Mendes Pinto na viagem em causa quando escreveu em Goa, em 23 de Dezembro de 1554, uma carta dirigida aos padres e irmãos da Companhia de Jesus em Coimbra:

“Tanto que o padre mestre Melchior soube do capitão que a nau vinha já na costa da Índia, se foi a casa do vizo-rei pedir-lhe uma fusta pera o ir buscar à nau e trazê-lo, porquanto a nau (por causa dos ventos serem contrários) vinha devagar. O que, vendo o capitão da nau, pediu ao padre que o não fosse buscar, dizendo quem lhe tão bom ajudador fôra em tamanhos trabalhos como na viagem passara, agora que já estava quase no fim dela o não dessempossassem dele, mas que assim como vinha na nau viesse até Goa. Mas era o desejo do padre tão grande de o ver juntamente com o de todos os irmãos, que, não curando do que lhe o capitão pedia, se meteu na fusta com alguns irmãos e com um homem, que em vida do padre mestre Francisco andara em Japão com ele e tinha gozado de seus exemplos e doutrina, e isto andando ele chatinando por aquelas partes. E antes que se embarcassem, disse o vizo-rei ao padre mestre Melchior, que antes que chegasse com ele ao cais lho mandasse dizer. E assim se foi ter com a nau, que estava desta cidade pouco mais de vinte léguas, onde o tomou e o meteu dentro na fusta e se veio com ele pera a cidade, e chegou a sexta-feira de Ramos.”<sup>6</sup>

Completando mais à frente estas indicações, descobre-se uma clara referência à presença e testemunho de Fernão Mendes Pinto:

“Depois que o padre mestre Melchior entrou por reitor neste colégio, e depois que fez a visitação dos padres que já disse, se tornou pera este colégio, onde aconteceu o recebimento do padre mestre Francisco, e como o fôra buscar vindo ele ainda no mar e como levara um homem per nome Fernão Mendes consigo. Este homem havia muitos anos que andava nesta terra, e continuamente muito versado em chatinarias e tratos, adquirindo assim muito dinheiro, tratando do Japão pera a China e pera Pegu, de maneira que foram muitos os anos que nisto gastou. E depois que veio ter a esta cidade, pelo grande amor que tinha ao padre mestre Francisco, veio ter a este colégio oferecer-se ao padre mestre Melchior pera ir com ele buscá-lo.

Depois que vieram, foi tanto o amor e conversação que tomou com o padre, por seus exemplos, e com os irmãos, que frequentava sua vinda à casa de maneira que o trouxe o padre a confessar-se geralmente, estando alguns dias no colégio com muito recolhimento e dor de seus pecados. Recebeu o Santíssimo Sacramento por dia de Páscoa com muita devoção. Depois disso folgava muito de sempre praticar com o padre.”<sup>7</sup>

Os acontecimentos aqui em consideração arrebataram de tal forma Fernão Mendes Pinto numa onda de fé que decidiu aderir à Companhia de Jesus, tendo pouco depois embarcado com Belchior Nunes Barreto para o Japão. Este último pediu-lhe então para escrever uma carta aos padres e irmãos da Companhia de Jesus em Portugal, tendo o neófito obedecido e enviado de Malaca, em 6 de Dezembro de 1554, uma missiva que foi impressa no ano seguinte em Coimbra, na qual entre muitos outros assuntos recordou a recente viagem que havia feito com aquele padre. Alguns anos depois, e antes de em 1579 Manuel Teixeira ter escrito o texto que atrás apresentámos, Fernão Mendes Pinto voltou a lembrar o histórico encontro que teve com o corpo do seu muito venerado amigo quando escreveu a sua *Peregrinação*, contribuindo assim para uma larga difusão do episódio aqui estudado. É de notar que desta vez não se deu como um protagonista presente nos eventos relatados, ao contrário do que fez na carta de 1554, pois decidira omitir o arrebatamento que o levara a entrar nesse ano para a Companhia de Jesus, que logo abandonaria em 1556. Fernão Mendes Pinto consagrou

## THE SPIRITUAL CONQUEST OF THE FAR EAST. FROM XAVIER TO VALIGNANO



“Fustas usadas pelos portugueses e seus inimigos, os malabares, na guerra e no transporte de mercadorias”. In Arie Pos e Rui Manuel Loureiro (eds.), *Itinerário, Viagem ou Navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas*, Lisboa, CNCDP, 1997.

o capítulo CCVII da *Peregrinação* ao tratamento detalhado de “Como este santo defunto foi desembarcado da nau em que viera de Malaca, e do aparato com que chegou ao cais de Goa”, correspondendo a uma narrativa tão exaustiva quanto a de Manuel Teixeira sobre o evento que estamos a acompanhar. Estes textos de Fernão Mendes Pinto tiveram influência em autores que posteriormente escreveram sobre S. Francisco Xavier, em particular o segundo. Para podermos observar as diferentes formas de abordar este tema pelo mesmo autor colocamo-las de seguida em paralelo.

A forma como o episódio da chegada do corpo de S. Francisco Xavier a Goa foi referido pelos autores aqui considerados e que a presenciaram é clara, havendo entre elas ligeiras discrepâncias, sobre as quais iremos

apenas chamar a atenção para duas: a primeira é relativa ao tipo de embarcação que trouxe o corpo para Goa e a segunda sobre a zona da Índia onde se procedeu ao seu transbordo.

Relativamente ao primeiro tópico, verificamos que as expressões utilizadas variam entre fusta e catur, sendo sintomático corresponderem a navios idênticos, como se verifica nomeadamente pelos textos Fernão Mendes Pinto, que o denominou fusta em 1554 e catur na *Peregrinação*, sendo a última expressão a mais seguida por outros cronistas jesuítas. Estamos a reportar-nos a um tipo de embarcação de pequenas proporções movida a remo e vela usada na Índia pelos portugueses, a qual sob a forma de fusta foi representada numa gravura publicada em 1596 no *Itinerário* de Huygen van Linschoten, que aqui reproduzimos.

DE XAVIER A VALIGNANO. A CONQUISTA ESPIRITUAL DA ÁSIA

*Carta de 6 de Dezembro de 1554*

Em este tempo o padre mestre Belchior determinou de ir numa fusta que o senhor vizo-rei lhe deu a buscar o corpo do padre mestre Francisco, que trazia um irmão de Malaca numa nau; e pola amizade passada que com ele tive ofereci-me ao padre para ir com ele, como fui. E assim levou consigo três irmãos e 4 meninos da doutrina e a mim só, sem outro de fora. Andámos polo mar quatro dias com suas noutes em sua busca e achámos a nau junto de *Baticala*, 20 léguas de Goa, na qual entrámos, os meninos com suas capelas e ramos nas mãos cantando: “Glória seja a Deus nas alturas”, etc. A gente pôs na nau bandeiras, e estandartes, e toldos, e quando o embarcámos na fusta tirou muita artilharia. Entrando o padre na câmara donde vinha, me disse:

– “Vedes aqui o vosso grande amigo mestre Francisco que viemos a buscar.”

Estava metido em uma caixa forrada de damasco por dentro e de fora coberta com um pano de brocado, vestido com uma alva e uma sobrepeliz mui rica; o qual, ainda que esteve muito tempo debaixo da cal, a leva agora o padre mestre Belchior para com ela falar a el-rei do Japão, tão fresca e nova como se agora fosse feita. Tinha o rosto coberto, as mãos cruzadas e atadas com o cordão tão novo como se então saíra de casa do cordoeiro, umas servilhas calçadas em os pés.

Como o vi assim inteiro, lhe beijei os pés com muitas lágrimas, lembrando-me quantas cousas com ele tinha passado. Assim se me tornou a renovar o desejo que primeiro tinha de servir ao Senhor, inclinando-me muito a esta Companhia do nome de Jesus, pois aqui tinha certo em a perseverança o perdão de meus pecados.<sup>8</sup>

*Peregrinação*

A nau em que ia este santo corpo chegou a Cochim a treze dias de Fevereiro do ano de 1554; e porque já neste tempo os ventos noroeste cursavam por monção tendente ao longo da costa e a nau com todas as mais que vinham de Malaca, em sua conserva, por o vento ser ponteiro, não podiam surdir avante mais que somente uma légua ou duas por dia, bordejando às voltas com muito trabalho, se assentou por parecer de todos os pilotos, que o capitão mandasse recado ao colégio de São Paulo de Goa, para que os padres povessem dalguma embarcação de remo em que levassem aquele santo corpo, pois a nau não podia ir ter a Goa senão de 25 de Março por diante, que era o tempo em que naquele ano caía a Semana Santa; e porque nela celebrava a igreja sagrada a memória da paixão do Filho de Deus, não se podia então fazer este recebimento com a pompa e aparato que todos requeriam.

O mesmo Lopo de Loronha, capitão da nau, quis ser o que levasse este recado, o qual se partiu logo, e chegando a Goa ao colégio de São Paulo, deu conta ao padre mestre Belchior, reitor universal naquelas partes da Companhia de Jesu e se tornou logo para a nau.

O padre reitor consultou isto com os mais padres do colégio e entre todos foi assentado que o mesmo padre reitor fosse logo em pessoa dar conta disto ao vizo-rei e lhe pedisse um catur bem equipado, o que assim se fez. E o vizo-rei lhe deu logo um de que era capitão um tal Simão Galego, que então estava na cama muito doente: mas em seu lugar se lhe ofereceu um devoto do santo defunto, do que o vice-rei mostrou levar muito gosto.<sup>9</sup>

O padre mestre Belchior, com três irmãos e quatro meninos órfãos dos do colégio, se embarcou no catur e se partiu de Goa uma segunda-feira pela manhã, e à quarta logo seguinte encontrou a nau junto da barra de Batecalá, com mais outras sete que estavam em calmaria à vista umas das outras, sem poderem surtir avante.

## THE SPIRITUAL CONQUEST OF THE FAR EAST. FROM XAVIER TO VALIGNANO

A nau, conhecendo o catur, porque ia enamorado e com mostras de festa, fez também o mesmo. Chegando o catur a bordo da nau, o padre reitor com toda a mais companhia entrou logo nela, e levava os meninos órfãos diante com capelas nas cabeças e ramos nas mãos, cantando *Gloria in excelsis Deo*, etc. e outras muitas cantigas em louvor de Deus.

E depois que todos foram dentro, e bem recebidos do capitão e da mais companhia, o irmão que trazia a seu cargo este santo defunto tomou o padre reitor pela mão e com uma vela acesa o levou abaixo à câmara onde ele estava, e o mostrou ao padre e a todos os que vinham com ele; os quais em o vendo se puseram todos de joelhos, e com muitas lágrimas lhe beijaram os pés. E depois de estarem com os olhos nele um grande espaço, o meteram no catur cantando-lhe o salmo *Benedictus Dominus Deus Israel*, a que os circunstantes ajudavam com não menos lágrimas que as dos padres.

E desamarrado do bordo, onde todos ficaram dando mostras da devoção que lhe tinham, a nau, com todas as sete que estavam à roda, ao desamarrar do catur lhe fizeram uma espantosa salva de artilharia, de que os gentios estavam pasmados, acudindo a todas as praias a ver o que aquilo era.

Partido o catur daqui da barra de Ancolá, que era cinco léguas abaixo de Batecalá, para Goa, chegou à quinta-feira às onze horas da noite a Nossa Senhora de Rebandar, que é meia légua de Goa, onde foi desembarcado este corpo e levado à igreja, e posto junto do altar-mor, com muita tochas e círios acesos. E o padre mestre Belchior, que já então o trazia a seu cargo, o mandou logo fazer saber ao vizo-rei, por lho ele assim ter pedido, e mandou também aos padres do seu colégio que tanto que fosse manhã o viessem esperar todos ao cais, porque até às oito horas seria aí.

Depois que o padre reitor proveu em tudo o que lhe pareceu que então era necessário, e

tomou um pequeno tempo de repouso, disse missa muito de madrugada, à qual se ajuntou toda a gente que aí ao redor morava, assim portuguesa como da terra. Neste tempo, começando já a esclarecer o dia, vieram da cidade seis embarcações, em que vinham quarenta ou cinquenta homens que em vida deste defunto foram muito seus devotos, os quais todos traziam tochas novas nas mãos, e os seus moços, círios. Estes, entrando todos na igreja se prostraram diante da tumba ou caixa onde ele estava, e o reverenciaram com muitas lágrimas, e quando o sol começou a sair abalaram para a cidade. E no caminho estava Diogo Pereira em um batel com muita gente, com tochas e círios acesos, que em o catur perpassando por eles, se prostraram todos com os rostos no chão.

E logo atrás nesta mesma ordem estavam mais outras dez ou doze embarcações, de maneira que quando chegou no cais iria acompanhado de vinte embarcações de remo, em que iriam cento e cinquenta portugueses da China e de Malaca, gente toda muito limpa e rica, e estes, como digo, todos com tochas e círios acesos, e os seus moços, que seriam mais de trezentos, com velas grandes como brandões, o qual autorizado e cristão aparato causava muita devoção em todos os que o viam.<sup>10</sup>

## DE XAVIER A VALIGNANO. A CONQUISTA ESPIRITUAL DA ÁSIA

A propósito desta oscilação entre fusta e catur são significativas as considerações que sobre o assunto teceu o jesuíta Francisco de Sousa em Goa nos finais do século XVII, ao narrar o episódio aqui examinado, num texto em que retoma o que havia sido escrito sobre este assunto pelos autores anteriores:

“Subindo mais ao norte ferraram Batalá, por serem os ventos ponteiros, e o capitão Lopo de Noronha partiu no batel a remo para Goa a trazer as novas da grande riqueza, que conduzia, ao vizo-rei Dom Afonso de Noronha e aos padres do colégio de S. Paulo [...]

Tanto que o vizo-rei recebeu a nova, mandou equipar um catur ligeiro, outros dizem fusta, e uma e outra embarcação, aquela menor, esta maior; era descuberta, e de vela, e remo, como eram há poucos anos os navio, que na Índia chamamos da armada. Nesta fusta, ou catur, se meteu o padre Belchior Nunes, provincial da Índia por morte do padre Gaspar Barzeu, com três da Companhia, e com quatro colegiais músicos do seminário, e calando até Batalá vinte léguas distante de Goa tiraram o precioso depósito do camarote ao convés; e depois de cantado o *Benedictus Dominus Deus Israel*, o desceram com devotíssimas lágrimas ao tombadilho do catur ricamente alcatifado. Estava já neste tempo toda a nau embandeirada, e deu uma alegre salva de toda artilharia, e o mesmo fizeram outras seis que ali foram levadas do vento. Aos quinze de Março de mil quinhentos cinquenta e quatro entrou o catur pelo rio de Goa, e deu fundo defronte da igreja de nossa Senhora de Ribandar longe da cidade quase meia légua, e ali ficou o santo aquela noite enquanto na cidade se aparelhava o recebimento, que seria muito mais solene, se a prudência, e modéstia do padre Belchior Nunes não fosse à mão à piedade e magnificência do vizo-rei.”<sup>11</sup>

Quanto à utilização da expressão fusta e catur importa ainda ponderar que na carta de 1554 de Aires Brandão atrás citada este se refere a uma fusta, enquanto alguns meses antes, numa carta escrita no mar entre Goa e Cochim enviada a Inácio de Loyola, em Maio desse mesmo, o dirigente daquela missão – Belchior Nunes Barreto – se referira a um catur, quando de uma forma um tanto vaga recordava a viagem que fizera:

“Tanto que fomos sabedores que vinha a nau que o trazia para Goa, embarquei-me num catur para o trazermos no mesmo catur, por a nau vir muito devagar, e juntamente para que, como Tomé, visse e palpasse o que publicamente por todo o povo se dizia. E se muito nos tinha admirado o que tínhamos ouvido, muito mais nos moveu o que vimos. Vinha numa arca ainda com a cal; havia quinze meses que era morto e que andava na cal. Estava a carne branda e com substância, sem ser consumida da cal, nem da terra, nem dos vermes, com um cheiro bom.

Chegámos na sexta antes dos Ramos, que foram 16 de Março, a Goa, onde estava o vice-rei D. Afonso com todos os fidalgos e corte da Índia, e todo o povo de Goa, na praia, com o cabido e Misericórdia, e toda a clerezia, esperando-nos onde o desembarcámos; e o levámos os padres sacerdotes da Companhia, na mesma arca em que vinha, às costas. Tínhamos já aparelhado um monumento à maneira de depósito, onde o metêssemos na mesma arca em que o trazíamos.”<sup>12</sup>

Quanto à outra questão que atrás equacionámos, verificamos que a maioria dos autores, aludindo à viagem, refere ter sido Batalá, que corresponde à actual cidade de Bhatkal, o porto de referência para situar o local em que se procedeu ao transbordo do corpo de S. Francisco Xavier da nau de Malaca para a embarcação onde ia a delegação jesuíta. Algumas dúvidas, contudo, se podem suscitar sobre a localização exacta em que este evento se verificou, devido à forma como foi registado por Fernão Mendes Pinto na *Peregrinação*, pois aí indica que se “encontrou a nau junto da barra de Batecalá”, para depois afirmar que “Partido o catur daqui da barra de Ancolá, que era cinco léguas abaixo de Batecalá, para Goa”, sendo esta indicação mais precisa do que a anterior, podendo levar a admitir ter sido na realidade junto de Ancolá que se deu o transbordo e não de Batecalá, aparecendo esta povoação indicada pela maior parte dos autores por ser a mais importante da região, mostrando-se pouco conhecida a pequena localidade actualmente denominada de Ankola, que dificilmente poderia servir de referência aos leitores. Neste caso, é ainda de ter em conta que as 20 léguas apontadas (cerca de 118 km) correspondem à localização dessa última povoação, que fica a cerca de 120 km de Goa, enquanto Batecalá dista de Goa cerca de 180 km, isto é, umas 30 léguas. É ainda de notar que, em 1554, Fernão Mendes

## THE SPIRITUAL CONQUEST OF THE FAR EAST. FROM XAVIER TO VALIGNANO

Pinto registara as mesmas 20 léguas ao apontar que: “Andámos pelo mar quatro dias com suas noutes em sua busca e achámos a nau junto de Batalalá, 20 léguas de Goa”. Em 1554, também na carta de Aires Brandão atrás citada se mencionara que “E assim se foi ter com a nau, que estava desta cidade pouco mais de vinte léguas”, mas sem detalhar qualquer topónimo. Fernão Mendes Pinto referira sobre a “barra de Ancolá, que era cinco léguas abaixo de Batecalá”, sendo tal indicação de cerca de 30 km, o que peca por defeito, mas tal erro poderá resultar de uma imprecisão na altura em que escrevia de memória, ou de má medição da época onde tais erros eram frequentes, como se pode ver na roteirística portuguesa. Autores posteriores, como João de Lucena e Sebastião Gonçalves, mais à frente citados, ressalvam também que foi “aquém de Batecalá” que o encontro se deu, certamente por terem a noção que teria sido mais perto de Goa. Será, pois, admissível que este tivesse ocorrido próximo de Ankola, depois da nau ter saído pouco tempo antes de Batkal, de onde havia partido o capitão da nau para anunciar em Goa que esta só podia avançar muito lentamente, como o referiu Manuel Teixeira, ao registar que quando chegara a Vatecala “saiu a recebê-la muita gente”, mas referindo mais à frente que o grupo jesuíta encontrou a nau já “junto a Vatecala.”<sup>13</sup>

Tendo em conta as indicações que se encontram num roteiro anónimo que foi copiado talvez nos inícios do século XVII para o chamado “Livro de Marinharia de Gaspar Moreira”, o mais completo que os portugueses fizeram da região, podemos observar como era referenciada a região por onde passou o corpo de S. Francisco Xavier. De assinalar que aí a região de Ancolá está localizada a cerca de 15 léguas de Goa, enquanto a de Batecalá é apontada como estando a cerca de 30 léguas:

“Do ilhéu do sul de Goa até o cabo de Rama há seis léguas; e este cabo é uma serra grossa de grande arvoredado, e o cabo é mui bem talhado em cima; na ponta tem muitas árvores e grossas, e a terra dele é raza e praia; e corre-se com o ilhéu de Goa e a ilha de Angediva noroeste sueste e toma a quarta de norte sul. A ilha de Angediva está em 15 graus.

Do mesmo cabo de Rama a Angediva há cinco ou seis léguas, e tem um bom surgidouro antre ela e a terra donde suíam estar as naus do reino, primeiro que o de Goa fosse descoberto. E tem

esta ilha da parte do norte umas cinco ou seis ilhas pequenas, e a terra firme é muito alta e fragosa e vai-se fazendo delgada pera a parte do sul; e faz uma enseada, na qual esta Ancola; e haverá de Angediva a ela 3 léguas; e o surgidouro de Ancola é na costa antre dous montes pequenos, e pera uma banda e pera a outra é areia; e muito da parte do sul faz uma ponta à maneira de enseada.

De Ancola a Mergeu há duas ou três léguas e é bom porto. Tem da parte do norte uma ponta de pedra e da parte do sul um monte grosso perto. A longo deste monte é a entrada bem pegado com a terra por causa de um prancel que tem da parte do norte; e assim tem outro da parte de dentro no rio, onde se faz uma ponta que bota ao rio; e dali se há-de governar ao norte a uma ponta de areia que tem um palmar; e ali surgirás se quiseres. E querendo ir mais dentro, hás-de ir sempre a longo da terra do noroeste, porque todo o rio é aparcelado, e dentro está o lugar de Mergeu.

Desta barra de Mergeu ao ilhéu de Onor há três e quatro léguas. Antre o ilhéu e a barra está o porto do (?) onde se carrega muito arroz.

Deste ilhéu de Onor ao ilhéu pequeno de Baticala haverá quatro ou cinco léguas, e está outro ilhéu mais ao mar, grande, antre o qual e a terra passam naus grossas sem nenhum arreceio.

A terra do ilhéu menor está a mesma barra e alto fundo, e a entrada é da banda do sul pegado com a terra.

Destes ilhéus de Baticala haverá duas ou três léguas ao porto de Baticala, e na barra bem fora em 5 ou 6 braças se pode surgir não muito junto a um montezinho grosso ou em 10 ou 12, por causa de algum rato que há. E assim tem obra de 3 ou 4 baixas de pedra a susudueste do porto que aparecem sempre; e porém estão muito rasas com o mar, que de preamar sendo as águas vivas não parecem, e jazem estas baixas nornordeste e susudueste umas com as outras. Não entram neste rio de Batecala senão navios pequenos de remo, a ainda de preamar, porque é muito baixa a barra e tem uma pedra no meio.”<sup>14</sup>

Depois dos autores coevos dos acontecimentos que citámos terem descrito circunstanciadamente a vinda do corpo de S. Francisco Xavier para Goa, o tema foi registada em outras obras, de que mencionaremos

## DE XAVIER A VALIGNANO. A CONQUISTA ESPIRITUAL DA ÁSIA

apenas as dos dois cronistas portugueses da Companhia de Jesus que mais se destacaram como biógrafos/hagiógrafos de S. Francisco Xavier: João de Lucena<sup>15</sup> e Sebastião Gonçalves.<sup>16</sup> Para melhor elucidar o leitor sobre a forma como ambos escreveram sobre estes acontecimentos, opta-se em seguida por comparar os seus textos.

Comparando estes textos, sublinhe-se que a versão de Sebastião Gonçalves fornece um maior número de dados do que a de João de Lucena, embora a obra deste autor marque a estrutura narrativa que o segundo seguiu e, em parte, copiou. É de realçar que ambos revelam uma dependência do texto da *Peregrinação*, denunciando terem tido acesso a uma cópia das informações sobre S. Francisco Xavier que aí se encontravam sob a forma manuscrita. Apesar de ser conhecido o facto de os cronistas jesuítas posteriores a Manuel Teixeira terem aproveitado largamente as informações fornecidas por Fernão Mendes Pinto, estamos perante um tema que ainda não foi tratado em toda a sua extensão. É de indicar a preferência que é dada no relato do episódio aqui ponderado ao texto de Fernão Mendes Pinto como fonte, em detrimento do texto de Manuel Teixeira, que ambos os autores conheceram e está em grande parte na origem das biografias de S. Francisco Xavier que lhe sucederam, como aliás o observou criteriosamente o exigente jesuíta Sebastião Gonçalves, quando pela primeira vez traçou um panorama sobre a historiografia relativa a S. Francisco Xavier, ainda que sem mencionar, note-se, o nome de Fernão Mendes Pinto. Depois de evocar a necessidade do escritor ter de recorrer a “boas livrarias”, Sebastião Gonçalves referiu, à maneira do seu contemporâneo Diogo do Couto, que:

“Alguma cousa destas tive, mas não tanto quanto me era necessário, contudo nisto fico melhorado e avantajado aos que escreveram das cousas da Índia em Europa, pois mais clara noticia se pode alcançar nesta cidade de Goa, aonde escrevo, das cousas da Índia, que em Portugal ou Itália. Com ela pois guiado, emendei os erros que, por falta de bastantes informações, nossos historiadores cometeram, contentando-me de manifestar a verdade que achei feitas as devidas diligências; e isto sem emulação contenciosa, tão alheia do que professo, pera que Plutarco me não censure por desasizado, porque nesta conta tem ele a semelhantes historiadores.

Muito devemos ao muito reverendo em Cristo Padre Everardo Mercuriano, quarto geral da nossa Companhia, o qual mandando por visitador destas partes, no anno de 1574, ao reverendo padre Alexandre Valignano, lhe encomendou encarecidamente fizesse a devida diligência sobre as cousas da nossa Companhia, o que ele fez com todo o cuidado, tomando as informações dos padres Anrique Anriques e Francisco Peres, que comunicaram com o bento padre Francisco. Das quais o padre Manuel Teixeira, junta a notícia que tinha (por alcançar ainda ao bento padre Francisco), fez dous tratados, um (a)té o ano de cinquenta e dous, e outro (a)té o de setenta e quatro, os quais foram enviados ao muito reverendo em Cristo padre Claudio Aquaviva, 5.º geral da Companhia de Jesus

Destes tratados se ajudou o padre João Pedro Mafeo, o padre Horácio Torselino, o padre João de Lucena, todos de nossa Companhia. E primeiro que eles havia saído à luz em Portugal um livro das cousas da Índia e Japão feito pelo padre Manuel da Costa. Porém demos a cada um o seu.

O padre Mafeo, com suma elegância da língua latina em que escreveu, realçou tanto o estilo, que a muitos vence, recolhendo com grande juízo do que achou escrito o mais lustroso, que como pérolas resplandece entre a grave narração dos estrondos militares e feitos ilustres da nação portuguesa. Mas vendo o padre Horácio Torselino que as heróicas obras do bento padre Francisco andavam na história da Índia de mistura com as da guerra, posto que magnificamente escritas, revolveu com muita diligência os arquivos romanos, dos quais coligiu quatro livros de cartas que o bento padre tinha escritas. E delas e do livro do padre Manuel Teixeira, e das testemunhas de sua vida e milagres tiradas na Índia por autoridade pública e outras informações compôs uma elegante obra de sua vida.

Ultimamente o padre João de Lucena, ajuntando ao que já andava impresso muitas cousas, escreveu com grande erudição um grande tomo, que dá muito mor luz que os passados.

Dos quais autores, o padre Luís de Guzman recolheu as flores, de que fez um gracioso ramallete, cujos ramos dividiu em duas partes

## THE SPIRITUAL CONQUEST OF THE FAR EAST. FROM XAVIER TO VALIGNANO

*Texto de João de Lucena*

Passado Cochim, onde também o santo foi visitado e venerado com grande concurso e devoção daquela cidade, chegaram a Baticala. Daqui, por os ventos serem ponteiros e a nau surgir pouco avante, partiu no batel o mesmo Lopo de Noronha a dar a nova em Goa e pedir as alvíssaras ao vizo-rei Dom Afonso e aos nossos do colégio de São Paulo. Era grande o vagar da nau e maior a pressa que a todos dava a antiga devoção e amor do padre mestre Francisco.

Para lhe satisfazer manda o vizo-rei dar um catur ligeiro ao padre mestre Belchior, que já então era reitor do colégio e vizo-provincial da Índia, por morte do padre mestre Gaspar.

Embarca-se com alguns dos nossos e dos moços do seminário; vão tomar a nau pouco aquém de Batecala, entram com o alvoroço e respeito devido no camarote, abrem a arca do sagrado depósito. Era já isto em Março de cinquenta e quatro, dezasseis meses do feliz trânsito, e estava tão fiel e inteiramente conservado como quem tinha por depositário o divino poder.

Reconhecem os filhos no rosto do morto a autoridade, a graça, o gasalhado, o amor e alegria de seu pai vivo; e somente choram com devotas lágrimas a falta das palavras com que lhas enxugava e secava todas. Trespasam-no ao catur, embandeirando-se a própria nau e outras seis que vinham de conserva e lhe fizeram ao desamarrar uma espantosa salva de artilharia.

Desembarcam o dia seguinte na ermida de Nossa Senhora de Rebandar, já dentro do rio e meia légua de Goa. Aqui repousaram a noite antes da sexta-feira de Lázaro, para dar tempo à cidade que se fazia prestes para aquelas derradeiras mostras de quanto devia e queria ao padre Francisco.

*Texto de Sebastião Gonçalves*

Passando por Cochim foi o santo corpo visitado e venerado com grande concurso e devoção da cidade, que o foram ver à própria nau, onde também se achou o padre Francisco Perez, superior daquela residência. E abrindo a caixa, deu fé com seus olhos da mercê assinalada que Nosso Senhor fizera ao santo, conservando-se inteiro sem corrupção alguma.

Tanto que a nau chegou a Baticalá, lançou ferro por serem os ventos ponteiros. Partiu no batel o mesmo Lopo de Noronha a dar a nova aos de Goa e pedir as alvíssaras ao vizo-rei Dom Afonso de Noronha e aos padres do colégio de São Paulo.

Manda o vizo-rei dar um catur ligeiro ao padre mestre Belchior, reitor de São Paulo.

Embarca-se com três irmãos e quatro meninos do colégio de Santa Fé, e depois de quatro dias tomaram a nau pouco à quem de Baticalá. Entram com alvoroço e respeito devido no camarote; abrem a arca do sagrado depósito. Era já isto em Março de 54, dezasseis meses do felice trânsito. Estava tão fiel e inteiramente conservado, como quem tinha por depositário o divino poder.

Reconhecem os filhos no rosto morto a autoridade, o amor e alegria de seu pai vivo, e somente choram com devotas lágrimas a falta das palavras com que lhas enxugava. Tiram-no do camarote ao convés, estando já a nau embandeirada. Os meninos entoaram *Benedictus Dominus Deus Israel*, que naquele passo parecia mais devota a música do costumado, acompanhada com lágrimas de alegria, vendo como Deus honra a seus servos.

Alcatifado o toldo do catur, puseram nele a tumba coberta de brocado; e ao desembarcar disparou a nau e outras seis que ali estavam de conserva, fazendo uma fermosa salva.

Desembarcam ao dia seguinte na ermida de Nossa Senhora de Rebandar, já dentro do rio de Goa, meia légua da cidade. Aqui tornou o padre mestre Belchior a ver muito devagar o santo corpo, onde repousou a noite antes da sexta-feira de Lázaro por dar tempo à cidade que se fazia prestes para aquelas derradeiras mostras de quanto devia e queria ao bento padre Francisco.

DE XAVIER A VALIGNANO. A CONQUISTA ESPIRITUAL DA ÁSIA



## THE SPIRITUAL CONQUEST OF THE FAR EAST. FROM XAVIER TO VALIGNANO

intituladas: “Das missões que fizeram os religiosos da Companhia de Jesus pera pregar o santo Evangelho na Índia Oriental.”<sup>17</sup>

Sebastião Gonçalves reafirmou várias vezes na sua obra a prioridade de Manuel Teixeira no conspecto da historiografia xavieriana, ao qualificá-lo de “primeiro autor da vida do bem-aventurado padre Francisco de Xavier”<sup>18</sup> e indicando que foi a principal fonte dos biógrafos que se lhe seguiram quando refere a sua obra “de quem todos tomaram o que escreveram do padre Francisco.”<sup>19</sup>

Estas considerações são judiciosas e foram aceites pela historiografia contemporânea, pois não se podem considerar biografias as observações sobre a actividade de S. Francisco Xavier escritas por autores anteriores, de que destacamos apenas o caso do jesuíta Manuel da Costa, dedicando-se a transcrever e anotar cartas vindas de além-mar, escrevendo, em 1568, uma *História das missões do Oriente até o ano de 1568* cujo original português desapareceu, tendo a sua versão latina sido preparada por Giovanni Pietro Maffei e publicada com o título *Rerum à Societatis Jesu in Oriente gestaram ad annum usque Dei para Virgine M. D. LXVIII. Commentarius*, impressa em Dilinga por Sebaldum Mayer, em 1571. Esta obra foi reeditada e traduzida em várias línguas, nomeadamente em castelhano numa versão que está integrada nas *Cartas que los padres y hermanos de la Compañia de Jesús que andan en los Reynos de Japón escribieron*, impressa em Alcalá, na casa de Juan Iñiguez de Lequerica, em 1575. Na primeira edição, algumas das acções de S. Francisco Xavier são registadas nos fls. 1-15 sob o mesmo título do volume, a que foi acrescentada a palavra “*commentarius*”, mas na mencionada tradução castelhana, que ocupa os f. 1-7, o mesmo texto apresenta o ambicioso título de *La vida del padre maestro Francisco Xavier de la Compañia de Jesus, primer predicador del Evangelio en los reynos del Japon*.

A biografia de Manuel Teixeira, por sua vez, está documentada em fontes jesuítas que nos permitem apontar aqui os seus dados essenciais.<sup>20</sup>

Manuel Teixeira nasceu em Bragança em 1536 e morreu em Goa a 18 de Março de 1590; entrou para a Companhia de Jesus em Lisboa, a 1 de Fevereiro de 1551 e logo a 10 de Março desse mesmo ano foi enviado

para a Índia, onde chegou em Setembro; entre 1553 e 1559, estudou Filosofia e Teologia em Goa e aí foi ordenado sacerdote em 1560; esteve em Baçaim em 1561, passando de novo a Goa em 1563, ano em que foi a Macau integrado numa embaixada portuguesa que então foi à China e esteve naquela cidade até 1567, altura em que voltou para Goa; em 30 de Novembro de 1568 fez a sua profissão solene; entre 1569 e 1572 foi reitor em Cochim; entre 1573 e 1574, vice-provincial da Índia; entre 1577 e 1578, vice-provincial e depois superior das missões do Norte (em Baçaim); em 1579, voltou para Goa, desenvolvendo aí trabalho pastoral, tendo sido “pai de cristãos” e conselheiro do provincial.

Pregador de mérito e com gosto para a escrita, Manuel Teixeira foi considerado pelos seus superiores como a pessoa indicada na Índia para escrever uma biografia de S. Francisco Xavier, tanto mais que em 1552 ainda o tinha conhecido em Goa. Em 1579, o padre provincial Rodrigo Vicente encarregou-o de tal missão e Manuel Teixeira meteu ombros à pesada tarefa, que concluiu no final desse mesmo ano em Goa enviando, no início de 1580, para o padre Everardo Mercuriano, geral em Roma, a sua *Vida do bem-aventurado padre Francisco Xavier, religioso da Companhia de Jesus*.

Em 1581, Manuel Teixeira acrescentou dois capítulos e dois apêndices à sua obra, os quais se encontram num manuscrito com a indicação de conter: *Anotações nas cousas da vida do p. mestre Francisco que se hão-de emendar no livro dellas que foy pera Roma no anno de 1580*.<sup>21</sup> Estes textos foram enviados por Manuel Teixeira juntamente com uma carta que escreveu a Cláudio Acquaviva, em Goa, a 1 de Dezembro de 1581, na qual se referia ao volume que havia mandado no ano anterior para a Europa:

“O ano passado de 80, foi lá um livrozinho das cousas de nosso bendito padre mestre Francisco Xavier, de santa memória, que de lá se desejou e pediu por vezes e o padre geral provincial cá me encomendou que se fizesse.

Este ano me escreveu o padre geral vigário geral Oliverio, que lá se recebera e folgaram os padres e irmãos com ele, e que se alguma cousa dele faltasse por acabar que a mandasse. Com esta vai um cadernozinho de dous capítulos que faltavam, que no cabo do livro se hão-de acrescentar, que creio folgará vossa paternidade de ver por serem de quem são.

Recepção do corpo de S. Francisco Xavier na igreja de S. Paulo de Goa. Óleo sobre tela de André Reinoso (século XVII). Sacristia da Igreja de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Fotografia de Júlio Marques.

## DE XAVIER A VALIGNANO. A CONQUISTA ESPIRITUAL DA ÁSIA

Vai também outro cadernozinho de emendas, do que já lá está.

O que a vossa paternidade muito peço, é o que ao padre geral passado pedi que, se a vossa paternidade lhe parecer que o livro presta pera alguma cousa, por razão de cujas são as cousas dele, que antes que os padres e irmãos o vejam o mande rever, emendar, acrescentar ou diminuir, do que em o Senhor lhe parecer melhor e mais seu serviço e bem de todos: porque algumas ou muitas cousas levará que serão necessário emendar-se e outras mudar-se, porque por ventura não servirão tanto pera estes tempos. Vossa paternidade verá em tudo o que mais convém pera o serviço de Nosso Senhor e bem de todos.

E se lhe parecer que leve o estilo que de cá levou, desse porém as cartas do padre mestre Francisco nos tempos e lugares em que foram escritas. Creio que muitas ou algumas haverá lá ou em Portugal, que nós cá não temos, que lá se poderão acrescentar em seus lugares se a vossa paternidade assi parecer em o Senhor.”<sup>22</sup>

Manuel Teixeira voltou a escrever sobre a sua obra em carta dirigida ao padre Pedro de Ribadaneira, datada de Goa em 8 de Dezembro de 1584:

“Eu, à imitação de vossa referêcia, ainda que tão diferente, escrevi também cá, nas partes da Índia, algumas cousas de nosso bendito padre Francisco Xavier, que está em glória, que eu sabia por nele as ver, ou me ficarem dele escritas, por me parecer havia alguma obrigação disso, por não se perder de todo a memória delas e de tão virtuoso e santo varão como ele foi, as quais creio vossa referêcia terá já lá vistas, pois há 4 ou 5 anos que as mandei a nosso padre geral Everardo, de santa memória.

E o reverendo padre geral que agora é, me escreveu o ano passado as tinha já vistas e que lhe pareceram bem (parece por serem de quem são), e que as tinha já mandado traduzir e rever pera as mandar imprimir.

Eu, nas cousas que Nosso Senhor obrou polo padre mestre Francisco nessa Europa, sigo em tudo o que vossa reverêcia delas escreveu na Vida de nosso bem-aventurado padre mestre Inácio, como vossa reverêcia nelas verá, assim por não ter outrem a que seguisse melhor nesta parte,

como por parecer serem as mais certas, pois vossa reverêcia a escrevia, que tinha tanta razão de as saber. E assim a caridade que a vossa reverêcia agora nesta peço é que, se ainda não são impressas, vossa reverêcia por amor de Deus veja e emende como em o Senhor melhor lhe parecer e mais verdadeiro.

E pera alcançar de vossa reverêcia esta caridade, pareceu-lhe fizesse nesta também algum pequeno serviço, e apontar aqui nesta a vossa reverêcia as cousas que do mesmo padre mestre Francisco, na Vida de nosso bendito padre Inácio, vossa reverêcia escreve que cá na Índia aconteceram, em que se vê cá alguma variedade, que creio vossa reverêcia folgará de saber, porque cá se vêm melhor, por homem estar ao pé da obra, e haver 33 anos que nestas partes está, e tem andado por algumas partes por onde o bendito padre mestre Francisco andou, e o ter visto e conversado a ele e com algumas das pessoas que o viram e conversaram, e com quem aconteceram algumas cousas das que vossa reverêcia ali escreve, que creio vossa reverêcia folgará de saber, como disse, pera que se quando esta sua vida do padre mestre Inácio se tornar a imprimir se poderem emendar, se a vossa reverêcia lhe parecer.

Logo como cá veio a mesma Vida em latim as quisera apontar a vossa reverêcia, mas como então se mandou recolher até se traduzir ou acrescentar, pareceu que entretanto as veria vossa reverêcia lá, e as emendaria como em o Senhor lhe parecesse; mas, como ainda agora muitas delas vêm na tradução em linguagem, pareceu avisar delas a vossa reverêcia, pera que sobre isto fazer o que em o Senhor melhor lhe parecer e mais seu serviço.”<sup>23</sup> (Seguindo-se as correccões que propunha).

A obra de Manuel Teixeira foi escrita originalmente em português, mas o texto com esta lição desapareceu, sendo actualmente apenas conhecida numa versão abreviada feita em castelhano cerca de 1585<sup>24</sup> com o título *Vida del bienaventurado Padre Francisco Javier Religioso de la Compañía de Jesús*, tendo por subtítulo (ou título original?) *Itinerario ó memorial de algunas cosas de la vida y muerte del bienaventurado padre Francisco Xabier de la compañía de Jesús, primer provincial y predicador de las islas de Japón, que murió en la China a de 1552.*<sup>25</sup>

## THE SPIRITUAL CONQUEST OF THE FAR EAST. FROM XAVIER TO VALIGNANO

O padre-geral Acquaviva mandou fazer uma versão italiana que seguia de perto o original português, na qual já se incluíam os dois capítulos e uma parte das anotações que foram acrescentadas em 1581, mas não as correcções que então foram feitas. Georg Schurhammer indicou que, em 1961, esta versão estava na posse do antiquário W. Dawson em Londres e tinha por título: *Itinerario o Memoriale d'alcune cose / della vita et morte del Benedetto / Padre Maestro Francesco Javier della Compagnia del Gesù, et il primo che di essa passò all' Indie et fu primo prouinciale / della Compagnia in quelle parte primo predicatore della nostra santa fede nelle isole et terre del Giappone / il qual morse poi nella China / l'anno del 1552*, mas até agora o seu conteúdo ainda não foi publicado.<sup>26</sup> Joseph Wicki informou ainda que tal texto se encontrava num códice com 123 fólhos não numerados.<sup>27</sup>

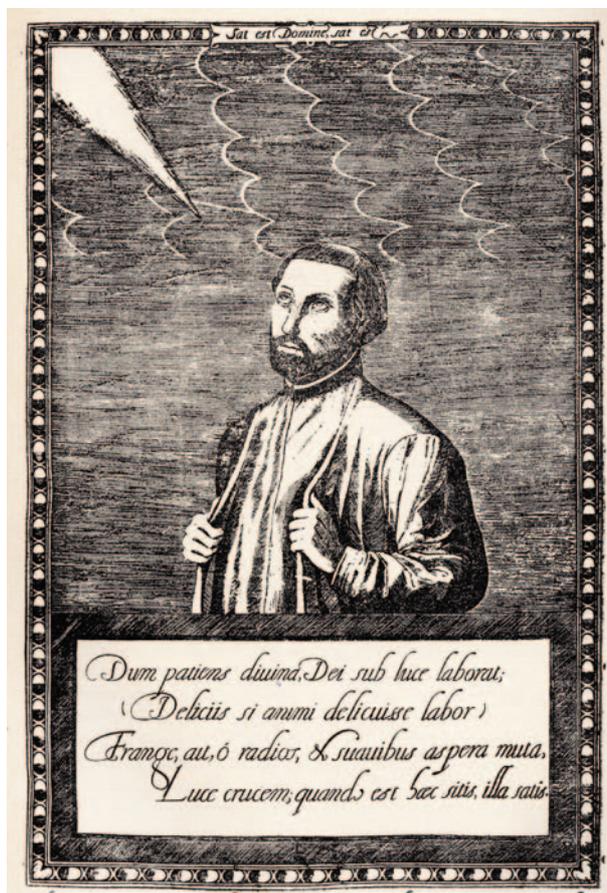
Em 1583, a tradução italiana estava pronta para ser impressa e só não o foi porque foi suspensa em 1585 por indicação de Alessandro Valignano, que no entanto a aproveitara já em 1583 ao escrever a sua *Historia del principio y progresso de la Compañia de Jesús en las Indias Orientales*, obra que também acabou por ficar manuscrita no seu tempo.<sup>28</sup>

Sobre as diferenças entre as versões italiana e castelhana da obra de Manuel Teixeira, Georg Schurhammer observou que esta última “com frequência se afasta do texto italiano, muda o capítulo 2 da segunda parte sobre a fundação do colégio de São Paulo de Goa e omite os capítulos 20-21 sobre os colégios e residências, assim como os dois capítulos finais sobre as virtudes de Xavier.”<sup>29</sup>

Quando a versão italiana da obra de Manuel Teixeira e a sua respectiva tradução portuguesa forem publicadas de forma crítica, tendo em conta a versão castelhana, podemos considerar que ficou mais rica a historiografia portuguesa e a hagiografia do famoso religioso, alvo desse trabalho pioneiro que, em grande parte, foi integrado em outras obras de que os primeiros exemplos são o citado livro de Alessandro Valignano e a *De vita Francisci Xaverii* de Horatius Tursellinus, impressa pela primeira vez em Roma, em 1594.

Manuel Teixeira colaborou ainda com outros jesuítas que escreveram sobre história, nomeadamente recolhendo fontes para a história de Giovanni Pietro Maffei, colaborando com Alessandro Valignano e corrigindo lapsos de Pedro de Ribadeneira.

Para o conhecimento da obra de Manuel Teixeira é esclarecedor apresentar a tradução do prólogo da



Retrato de S. Francisco Xavier, in João de Lucena, *História da Vida do Padre Francisco de Xavier e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu*. Lisboa, 1600.

versão castelhana, em que o autor a resume e manifesta os propósitos que teve ao escrevê-la:

“Porque o Senhor já tinha levado para si quase todos os da Companhia de Jesus que nestas partes da Índia conheceram e conversaram o benventurado padre mestre Francisco Xavier, primeiro provincial da Companhia nelas, e por não ficar dos que o conheceram senão o que isto escreve, a quem durará pouco a vida, segundo ela é miserável e breve, pareceu que seria serviço de Nosso Senhor e consolo de muitos, em especial da Companhia, que o desejavam e pediam, não deixar perder de todo a memória de tão virtuoso e santo varão, mas escrever dela algumas coisas que em vida nele conhecemos e ficaram dele escritas, as quais vão divididas em três partes: a primeira trata do que Nosso Senhor obrou pelo padre Francisco nas partes de Europa, e o tempo

## DE XAVIER A VALIGNANO. A CONQUISTA ESPIRITUAL DA ÁSIA

que nelas andou; a segunda as maravilhas que por ele obrou Nosso Senhor nestas partes da Índia em dez anos que nelas viveu, até morrer no reino da China; a 3.<sup>a</sup> dos milagres e obras sobrenaturais que Nosso Senhor por ele fez depois de sua morte, e das virtudes e dons que o comunicou.

Vão algum tanto dilatadas suas coisas da Europa, pela pouca notícia que delas se tinha na Índia, e assim mesmo as da Índia, pelo pouco que delas se sabia na Europa. E ainda que em tudo se procurou tratar verdade, quanto foi possível e as coisas o pediam, como nelas se verá, todavia em uma província ou outra se poderá emendar, tirando ou pondo o que melhor e mais verdadeiro parecer no Senhor, o qual por sua misericórdia nos conceda a todos sua graça, para que em alguma maneira possamos imitar a tão santo e virtuoso varão. Amén.”<sup>30</sup>

Por estas últimas expressões bem se vê que estamos perante um trabalho com propósitos edificantes, como são afinal todos aqueles em que a biografia se confunde com a hagiografia, mesmo quando se recorre a vasto acervo documental e de testemunhos, como ocorreu neste caso em que se frequentaram 62 cartas de S. Francisco Xavier.<sup>31</sup>

Manuel Teixeira revela uma constante preocupação com a “santa memória” do seu biografado e em “não deixar perder de todo a memória de tão virtuoso e santo varão”, atitude que reafirmou na carta atrás citada de 8 de Dezembro 1584, quando insiste sobre “algumas cousas de nosso bendito padre Francisco Xavier” de que “não se perder de todo a memória delas e de tão virtuoso e santo varão”.

De acordo com a versão castelhana incompleta da obra de Manuel Teixeira, verificamos que dedicou a primeira parte, que não está dividida em capítulos, à vida de S. Francisco Xavier anterior à sua chegada a Goa em 6 de Maio de 1542; a segunda parte, com 21 capítulos, à acção que desenvolveu no Oriente e a terceira parte, com os seus cinco capítulos, à trasladação do seu corpo e outros eventos situados entre Fevereiro de 1553 e inícios de 1557. Quanto à versão italiana sabemos que não apresenta o prólogo que está na versão castelhana e tem a primeira parte dividida em oito capítulos, a segunda em 25 e a terceira em oito.<sup>32</sup>

A obra de Manuel Teixeira tem particularidades de assinalar como a de ter sido a única em que se descreve a fisionomia de S. Francisco Xavier,<sup>33</sup> pelo que

de seguida reproduzimos o texto em que a apresenta, acompanhado de dois dos seus retratos mais antigos que se conhecem em obras portuguesas: a gravura publicada na já citada obra de João de Lucena, idêntica à que publicara Tursellino, e a outra, que imita o modelo desta última, por Manuel Godinho de Erédia num desenho do fl. 47 do manuscrito da sua *Declaracam de Malaca e India meridional com o Cathay*, datada de Goa em 24 de Novembro de 1613.<sup>34</sup> Estes retratos poderão derivar daquele que se exibia no início da obra de Manuel Teixeira, como se verifica pela observação que sobre o assunto fez Sebastião Gonçalves ao escrever:

“Uma noite o viram na horta dar afectuosas mostras de Deus que o enchia, e acudindo com as mãos a afastar a roupeta do peito, porque lhe abafava e parecia querer saltar fora o coração, disse:

– Não mais, Senhor, não mais.

Este é o passo que ordinariamente se representa nos retratos do bento padre Francisco, como entre outros o retratou o padre Manuel Teixeira no princípio do Tratado que escreveu de sua vida e feitos heróicos, e os padres Horácio Torcellino e João de Lucena nos livros que dele compuseram, pintando um raio ou resplendor que do céu o fere.”<sup>35</sup>

Quanto à arranjada descrição física de S. Francisco Xavier por Manuel Teixeira apresenta-se como se segue:

“Era o padre mestre Francisco de estatura antes grande que pequena, o rosto bem proporcionado, branco e corado, alegre e mui gracioso; os olhos negros, a fronte larga, o cabelo e a barba negra; trazia o vestido pobre e limpo e a roupa solta, sem manto nem outro algum vestido; porque este era o modo de vestir dos sacerdotes pobres da Índia; e quando andava a levantava um pouco com ambas as mãos. Andava quase sempre com os olhos postos no céu, com cuja vista dizia que achava particular consolo e alegria, como pátria para onde pensava ir; e assim andava seu rosto tão alegre e inflamado, que causava muita alegria a todos os que o viam”.<sup>36</sup>

Retrato de S. Francisco Xavier, in Manuel Godinho de Erédia, *Declaracam de Malaca e India meridional com o Cathay*, 1613.

THE SPIRITUAL CONQUEST OF THE FAR EAST. FROM XAVIER TO VALIGNANO

RETRATO: DE: M<sup>ICER</sup>: FRANCISCO: XAVIER,  
DA: ORDEM: DA: COMP<sup>U</sup>: DE: IESV. *Anno. 1542.*



## DE XAVIER A VALIGNANO. A CONQUISTA ESPIRITUAL DA ÁSIA

Ao referimo-nos à iconografia de S. Francisco Xavier e às suas relações com a historiografia é de recordar também que, em 1614-1615, antes da sua beatificação em 1619 e no sentido de conseguir a sua canonização (alcançada em 12 de Março de 1622), foi preparado um importante processo em Lisboa, no qual colaborou o padre Amador Rebelo, recorrendo para o efeito designadamente a importantes informações que lhe foram preparadas anteriormente por Miguel de Lacerda.<sup>37</sup> Depois de tal realização, o mesmo Amador Rebelo, que então vivia no colégio de Santo Antão, poderá ter sido o mentor do programa iconográfico que, cerca de 1619, ilustrou pela primeira vez em Portugal os principais momentos da vida de S. Francisco Xavier e dos milagres que lhe foram atribuídos. Estamos a referir-nos a uma hagiografia imagética que se encontra expressa em 20 telas de André Reinoso e de um seu colaborador pintadas em Lisboa para a sacristia da igreja de São Roque da Companhia de Jesus.<sup>38</sup> Este programa artístico visava criar ilustrações facilmente legíveis no sentido do promover a apologética em torno de uma vida que se queria utilizar como bandeira dos valores da expansão do catolicismo no mundo asiático. Tendo em conta que atrás realçamos a história da chegada do corpo de S. Francisco Xavier a Goa, apresentamos aqui o último quadro da série em consideração, representando esse corpo incorrupto já no colégio de São Paulo em Goa. A sua autoria poderá atribuir-se a Simão Rodrigues, o possível colaborador de André Reinoso neste empreendimento pictórico.

S. Francisco Xavier teve em Manuel Teixeira o seu primeiro cronista, mas pouco antes dele já Fernão Mendes Pinto, o seu companheiro de viagem em 1554, dera à sua maneira na *Peregrinação* largos contributos para a história deste seu “herói” religioso. Por tal motivo, consideramos oportuno apontar que um dos actos de S. Francisco Xavier, ainda não referido nas obras que se lhe foram consagradas, consistiu em ter sido o último confessor do outro “herói” da *Peregrinação*: António de Faria. Com efeito, no testamento que este último fez em Goa, em 2 de Junho de 1548, declarou que: “roguei e pedi ao Padre mestre Francisco, pelo amor de Nosso Senhor, que a assinasse aqui comigo, porquanto me confessou e absolveu de meus pecados.”<sup>39</sup> Em 1548, estavam, pois, lado a lado, o fidalgo aventureiro e turbulento, que percorreu as rotas do mais longínquo Oriente, apegado à lucrativa mercancia e aos feitos de armas, e o Apóstolo das Índias, ambos partilhando com Fernão Mendes Pinto o protagonismo da *Peregrinação*.

O caso que apontamos para concluir estas linhas serve-nos para lembrar que S. Francisco Xavier foi, afinal, um homem de “carne e osso” que viveu intensamente num ambiente marcado por circunstâncias em que a cruz se cruzava com a espada, ao mesmo tempo que as duas serviam e cruzavam frequentemente o negócio, temas de obrigatoria revisitação se quisermos rigorosamente reconstruir não apenas a história edificante, mas sobretudo o contexto histórico em que se movimentou o celebrado santo jesuíta de Navarra. **RC**

### NOTAS

1 De assinalar esta hesitação que revela um ligeiro esquecimento da parte do autor.  
 2 Refere-se à missiva do chinês António de Santa Fé que antes apresentara.  
 3 De assinalar que só aqui é descrito o corpo de S. Francisco Xavier, quando nas outras fontes tal descrição surge quando ele ainda estava na nau de onde foi retirado.  
 4 Pano branco que os religiosos utilizavam.  
 5 *Monumenta Xaveriana*, vol. II, Madrid, Gabrielis Lopez del Horno, 1912, pp. 904-905 (traduzimos do castelhano).  
 6 *Documenta Indica*, edição de J. Wicki, vol. III, Roma, Monumenta Historica Societatis Iesu, 1954, pp. 175-176. Cf. ainda o texto com variantes publicado em *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente: Índia*, edição de António da Silva Rego, vol. V, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1951, p. 386.

7 *Documenta Indica*, cit., vol. III, pp. 178-179. Cf. ainda o texto com variantes publicado em *Documentação para a História das Missões do Padroado Português...*, ed. cit., vol. V, p. 388.  
 8 *Documentação para a História das Missões do Padroado Português...*, ed. cit., vol. V, p. 364-365. Cf. ainda a versão castelhana publicada em *Documenta Indica*, cit., vol. III, pp. 144-145.  
 9 Esta é por certo uma referência dissimulada ao autor, que teria tido responsabilidade na busca da nau de Malaca.  
 10 Cf. *Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto. Em que se da conta de muytas e muyto estranhas cousas que vio & ouuio no reyno da China, no da Tartaria, no de Sornau, que vulgarmente se chama Sião, no do Calaminhan, no de Pegü, no de Martauão, & em outros muytos reynos & senhorios das partes orientais, de que nestas nossas do Ocidente ha muyto pouca ou nenhũa noticia. E tambem da conta de muytos casos*

## THE SPIRITUAL CONQUEST OF THE FAR EAST. FROM XAVIER TO VALIGNANO

- particulares que acontecerão assi a elle como a outras muytas pessoas. E no fim della trata bre-luemente de alguás cousas, & da morte do Santo Padre mestre Francisco Xavier, unica luz & resplendor daquellas partes do Oriente, & Reytor nellas universal da Companhia de Iesus. Escrita pelo mesmo Fernão Mendez Pinto*, impressa em Lisboa por Pedro Craesbeeck em 1614, f. 289v-290v (desta edição foi feita uma edição fac-similada com apresentação de José Manuel Garcia, Maia, Castoliva, 1995).
- 11 *Oriente Conquistado a Jesu Christo Pelos Padres da Companhia de Jesus da Provincia de Goa*, tendo ambos os volumes sido impressos em Lisboa na Oficina de Valentim da Costa Deslandes (“impressor de sua magestade”, em 1710). Citamos pela edição de M. Lopes de Almeida, Porto, Lello & Irmão Editores, 1978, pp. 602-603.
  - 12 *Documenta Indica*, cit., vol. III, p. 76 (traduzimos do castelhano).
  - 13 *Monumenta Xaveriana*, vol. II, pp. 902-903.
  - 14 Cf. edição de Léon Bourdon, Luís de Albuquerque em *Le “Livro de Marinharia” de Gaspar Moreira*, Lisboa, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1977, pp. 50-53.
  - 15 *Historia da Vida do Padre Francisco de Xavier e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Iesu. Composta pelo Padre Ioam de Lucena da mesma Companhia Português natural da Villa de Trancoso*, impressa em Lisboa por Pedro Craesbeeck em 1600, pp. 900-901 (edição fac-similada com um prefácio de Álvaro J. da Costa Pimpão, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1952).
  - 16 *Primeira parte da Historia dos religiosos da Companhia de Jesus, e do que fizeram com a divina graça na conversão dos infiéis a nossa sancta fée catholica nos reynos e provincias da Índia Oriental, composta pello Pe Sebastiam Gonçalves, religioso da mesma Companhia, português, natural de Ponte de Lima*, estando datada de 1614, tendo sido publicada com o título citado por J. Wicki em três volumes, Coimbra, Atlântida, 1957, 1960 e 1962, estando o texto citado no volume I, pp. 424-425. Em 1604, o provincial Manuel da Veiga encarregou Sebastião Gonçalves de redigir uma História da Companhia de Jesus no Oriente, missão que este começou a realizar pouco depois, apresentando em 1606 um plano do conjunto da obra. A maior parte da redacção do trabalho em causa foi realizado a partir de 1608 e sobretudo entre 1611 e 1612, recebendo os últimos retoques em Novembro de 1614, altura em que foi concluída, por coincidência no ano em que foi impressa a *Peregrinação*.
  - 17 *Primeira parte da Historia dos religiosos da Companhia de Jesus...*, ed. cit., vol. I, p. 8-10.
  - 18 *Ibidem*, p. 174.
  - 19 *Ibidem*, p. 321.
  - 20 Sobre este autor, cf. Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, vol. III, Coimbra, Atlântida, 1966, p. 388; Georg Schurhammer, *Francisco Javier. Su vida e su tiempo*, t. III, Pamplona, Gobierno de Navarra/Compañia de Jesus /Arzobispado de Pamplona, 1992, pp. 594-597; idem, *ibidem*, vol. IV, pp. 628-629; idem, *Xaveriana*, Roma/Lisboa, Institutum Historicum Societatis Iesu/Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1964, pp. 73-84; *Diccionario histórico de la Compañia de Jesús: biográfico temático*, IV tomos, Roma/Madrid, Institutum Historicum/Universidad Pontificia Comillas, 2001, p. 3717.
  - 21 Estes acréscimos e correcções encontram-se em duas versões portuguesas e uma tradução italiana num códice que se encontra em Roma, Hist. Soc. 70, f. 129-156v, tendo o seu texto sido publicado por J. Wicki, em “As Anotações do P. Manuel Teixeira S. J. à sua Vida do B. P. Francisco Xavier (1581)”, *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, 69, Bastorá, Goa, 1952, pp. 39-63, indicando-se nesta última página que o texto português corresponde a um traslado feito em Coimbra em 24 de Dezembro de 1651 de “um caderno antigo que está no cartório deste colégio de Coimbra”.
  - 22 *Documenta Indica*, vol. XII, Roma, Monumenta Historica Societatis Iesu, 1972, pp. 478-479.
  - 23 *Documenta Indica*, vol. XIII, Roma, Monumenta Historica Societatis Iesu, 1975, pp. 566-567.
  - 24 Cf. Ramon Gaviña, em *Vida del bienaventurado padre Francisco Javier: religioso de la Compañia de Jesús por el P. Manuel Teixeira, de la misma Compañia*, Bilbao, Editorial “El siglo de las Misiones”, 1951, p. 6.
  - 25 Dois códices com a versão castelhana encontram-se em Toledo, no Arquivo da Província da Companhia de Jesus, COD. 226 e COD. 495; estando uma outra cópia na Biblioteca Nacional do México, ms. 1153. Foi com base nos manuscritos que estão em Espanha que o seu texto foi publicado em *Monumenta Xaveriana*, vol. II, pp. 815-918 e depois por Ramon Gaviña, em *Vida del bienaventurado padre Francisco Javier...*
  - 26 Georg Schurhammer, *Francisco Javier. Su vida e su tiempo*, t. III, p. 596.
  - 27 *Documenta Indica*, vol. III, 41\*-42\*.
  - 28 Cf. a edição de J. Wicki, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús en las Indias Orientales: 1542-64* / Alessandro Valignano, Roma, Institutum Historicum (Bibliotheca Institutii Historici S. I. ; 2), 1944 e em particular as observações das pp. 61\*-75\*.
  - 29 Georg Schurhammer, *Francisco Javier. Su vida e su tiempo*, pp. 596-597.
  - 30 *Monumenta Xaveriana*, vol. II, pp. 815-816.
  - 31 Cf. Ramon Gaviña, em *Vida del bienaventurado padre Francisco Javier...*, p. 7.
  - 32 *Documenta Indica*, 41\*-42\*.
  - 33 Cf. J. Wicki em “As Anotações do P. Manuel Teixeira S. J. à sua Vida do B. P. Francisco Xavier (1581)”, cit., p. 41.
  - 34 Cf. a edição de Léon Janssen, *Malaca, L’Inde méridionale et le Cathay*, Bruxelas, Librairie. Européenne C. Muquarott, 1882.
  - 35 Sobre este assunto cf. Sebastião Gonçalves, *Primeira parte da Historia dos religiosos da Companhia de Jesus...*, ed. cit., vol. I, p. 286.
  - 36 *Monumenta Xaveriana*, p. 882 (traduzimos do castelhano).
  - 37 Cf. Georg Schurhammer, *Francisco Javier. Su vida e su tiempo*, t. III, pp. 603-604.
  - 38 Sobre estas pinturas cf. Vítor Serrão, *A Lenda de São Francisco Xavier pelo Pintor André Reinoso*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1993 (a imagem aqui reproduzida encontra-se na p. 97).
  - 39 Documento que se encontra na Misericórdia do Porto cujo texto foi publicado por Eugénio Andrea da Cunha e Freitas, “António de Faria de Sousa, o da ‘Peregrinação’”, *Anais, Academia Portuguesa da História*, 20, Lisboa, 1971, pp. 145-168 (a passagem citada encontra-se na p. 167).



Frontispício da 1.ª edição da *História da Vida do Padre Francisco de Xavier* de João de Lucena, Lisboa, 1600.